ANO 2.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 26 DE MAIO DE 1922 N.º 359

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.--End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e officinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

VEIO nos jornais da manhã a noticia de que um mendigo, mutilado e aleijado, que vendia cautelas, nas ruas de Lisboa, morreu, deixando uma pequena fortuna avaliada em quarenta contos.

Algumas pessoas nos falaram, com um nobre ar de indignação, da pretensa hipocrisia deste novo rico que explorava a caridade publica, quando devia recolher-se a casa e viver dos seus rendimentos.

—«Quantos e quantos não andarão por aí, nas mesmas condições!»

Achamos pouco razoavel e cristã esta maneira acida de apreciar as qualidades de economia e trabalho dum homem que, recebendo esmolas e percentagens da loteria, reuniu secretamente em muitos anos de humilhação, a mesma quantia que alguns filhos-familias espatifam, durante poucas noites, nas tavolagens ou abraçados ao colo tentador da Venus complacente e faiscante.

Se os especuladores e os açambarcadores fazem fortuna, em três meses, sacrificando ás suas cubiças os lares pobres e as desprotegidas inocencias que neles definham, não poderá um triste cauteleiro das ruas, em longos anos, conquistar um fragil amparo contra os golpes duros da desgraça?

Sejamos logicos e justos: quem, migalha, a migalha, constitue um tesouro, que resguarda contra as invejas e as mãos pouco escrupulosas, merece que o seu exemplo seja citado com elogio e não crivado de ironias ou censuras. As pessoas caritativas devem habituar-se a admitir que os pobres não fiquem perpetuamente jungidos á esmola que recebem, aliás a caridade deixaria de ser uma virtude, convertendo-se numa sujeição infame.

Pelo contrario, convem que se regosijem com a ideia que, sob farrapos, podem palpitar esperanças que iluminem um destino que parecia acarvoado como um poente anunciador de tempestades e amarguras.

Como seria bem humano que a carreira de mendigo, sem ser sumptuosa como a de qualquer grande industrial ou banqueiro, comportasse o maior numero possivel de triunfos e exitos, desviando dela o labeu degradante que afasta tantos individuos sem rumo definido!

Não poderia assim rehabilitar-se, como aconteceu com tantas profissões que os nossos pais olhavam como indignas?

Não se descobriria assim, porventura, a solução do problema da miseria—essa chaga social que agora mais que nunca abala os fundamentos seculares das velhas sociedades?

E' por tais razões que esta manhã, ao sabermos dos quarenta contos amealhados por Antonio dos Santos Azedo, o aleijado e mutilado que a morte veio surpreender, cavalgando a Fortuna, apesar de não ter pernas, dissemos:

—«Ora aqui está um homem que nunca será compreendido—ele que, no fim de contas, lutou toda a sua vida para demonstrar que a pobreza nem sempre envolve uma derrota, levando ás vezes ao resgate os que a praticam com o proposito de quem trabalha para uma redenção. Aquele que enriquece a pedir ha de sentir mais que os outros o orgulho de ser rico, porque concorreu para modificar em seu favor, mas sem molestia para ninguem, as desigualdades da sorte. Sem se envergonhar, é ele o unico que apontará as origens e titulos dos seus haveres.

Numa novela espanhola, que lemos ha muito tempo, um ilustre mendigo das estradas e estalagens de Castela, disse para um fidalgo que o queria sentar á sua mesa:

—«Só o farei, depois de me dizeres quem és!»—

O maltrapilho não se queria igualar com o gibão de seda do seu interlocutor, pressentindo talvez que dos dois ele é quem tinha o direito de convidar.

Com alguns pobres da nossa epoca, a quem os ricaços tomam como seus inferiores, o caso é o mesmo.

* * *

PASSA ámanhã o segundo aniversario do nosso presado colega *A Patria* que marcou o seu logar no jornalismo portuguez, abrindo as suas colunas ao estudo dos problemas que afectam a vida da nacionalidade. Cumprimentamos o seu director, o sr. dr. Nuno Simões, que tanto tem trabalhado para espalhar ideias e conselhos uteis, servindo principalmente uma politica de soluções e não de intrigas mesquinhas.

* * *

A NOMEAÇÃO de um adido comercial no Rio de Janeiro, será apenas pelo tempo que durar a esposição e não será paga em ouro mas pela velha taxa que serve para todos os nossos funccionarios naquela Republica. A missão especial do nomeado será o estudo das bases de um convenio comercial com o Brasil.

* * *

FIZERAM-SE hoje novas prisões de officiais de terra e mar, como supostos implicados nos acontecimentos de outubro.

Parece-nos demasiado morosa a respectiva investigação.

Tambem se nos afigura, umas vezes demasiado estreito, outras demasiado lato, o criterio que inspira os investigadores.

* * *

NAS paginas do diario madrilenho «A. B. C.», o sr. Llanos y Torriglia, muito amigo de Portugal, ocupou-se ha dias da nossa musica, cuja riqueza e originalidade salienta. Na nossa segunda pagina, damos a tradução do seu interessante artigo.

* * *

HOJE, durante a chamada, nos Deputados.

Um jornalista para um deputado democratico:—O sr. já reparou? O dr. Afonso Costa nunca responde á chamada.

O deputado.—Nem ao partido.

* * *

O nome do dr. Veiga Simões deve ter aparecido nos boatos de futuras prisões por equivoco. Talvez por confusão com o nome do coronel sr. Nobre da Veiga, que esteve numa lista de militares presentes, em tempo, a certa reunião, a que transitoriamente se ligou importancia.

* * *

NOS dias 28 de maio, 3 e 8 de junho, realizam-se, no Salão do Conservatorio, as audições que o ilustre professor Marcos Garin dedica ás suas alunas.

* * *

O *Diario de Lisboa* publica, na sexta pagina, o novo horario da linha de Cascais.

VIDA NOVA?

Foi o sr. presidente do ministerio que, referindo-se á tendencia manifesta do parlamento para matar o tempo com questões de *lana caprina*, impôs a discussão dos orçamentos como uma necessidade imperiosa, para que o Estado não viva á matroca, como qualquer perdulario que nunca faz as suas contas, para poder consumar a sua ruina com mais desafogo.

No entanto, achamos menos refletido o seu desejo de que, em assunto de tanta importancia e melindre, se andasse com toda a brevidade, talvez para evitar que os *empatas* servindo-se das suas artes velhacas, prolongassem indefinidamente os trabalhos das camaras.

Se alguma vez houve um interesse, bem patriotico, em aplicar ao estudo do orçamento uma atenção metodica, profunda e pertinaz foi agora, pois que, no momento em que aos contribuintes se vão exigir sacrificios, não é de mais que ao menos se lhes dê a compensação moral de que o Estado ofereça o exemplo da economia e da moralidade na aplicação dos dinheiros publicos.

Nós não podemos aguentar-nos mais tempo na situação que, de 1914 para cá, se vem agravando constantemente, visto que a ruina nos bate já á porta. Ao contrario do que acontece com outros povos da Europa, Portugal nunca devia ter chegado ao descalabro financeiro em que se vê e que o sr. ministro das Finanças, num gesto violentissimo, quasi de desespero, quere remediar com as suas propostas, que, certamente, se fossem aprovadas, nos lançariam num inferno.

E' tarde de mais para acusações e recriminações, dando-se mesmo o caso de elas serem inuteis, porque os responsaveis escapam a qualquer alçada.

Agora o que se exige, antes de mais nada, é coragem para romper com vicios e más praticas. Temos de sanear a nossa moeda, promovendo a desinflação fiduciaria, o que agirá sobre os cambios, melhorando-os e sobre o custo da vida, tornando-a suportavel ás classes menos abastadas.

O Estado nada poderá fazer, enquanto não reduzir o *deficit*, comprimindo e suprimindo despesas, doa a quem doer, arrancando aos impostos e taxas o que fôr razoavel e recorrendo ao credito. E' ele principalmente que absorve as notas do B. de P. devendo, portanto, criar e agenciar receitas que lhe permitam dispensar este milagre da multiplicação da fome.

A obra é vastissima e complexa. O parlamento não pode descansar nem parolar. O país espera dele um esforço bem produtivo, para se convencer que os nossos costumes politicos sofreram alteração para melhor.

BONS DESEJOS...

—**Decididamente compro luvas pretas... o meu pobre marido está tão doente...**

A EXPOSIÇÃO DO RIO

A CINEMATOGRAFIA

Um dos aspectos de mais interesse e de mais palpitante actualidade da representação portuguesa na Exposição Internacional do Rio de Janeiro vai ser decerto a reprodução cinematografica dos nossos mais importantes estabelecimentos comerciais e industriais que permitam aquilatar da sua importancia, quer pelo seu movimento, quer, por tudo quanto á industria se refere, pela perfeição dos metodos ai empregados e que reproduzidos cinematograficamente permitirão avaliar do nosso progresso e do nosso trabalho.

Para a confecção dum *film* de propaganda comercial e industrial foi assinado um contrato com o Comissariado Geral, a quem esse *film* é cedido sem encargo algum para ele.

Intitular-se-ha esse trabalho *Patria Portuguesa* e a escolha desse sugestivo titulo obedeceu ao desejo de que ele nos diga o que virá a ser: um repositorio do trabalho nacional, do progresso desse trabalho, e tambem, como nota sentimental, uma saudação aos milhares de portugueses que labutam na grande republica irmã e cujo patriotismo vibrará decerto ao verem no *écran* vividos e palpitantes os aspectos interessantes da sua terra, do seu trabalho, do seu progresso. A parte tecnica e industrial da *Patria Portuguesa* foi confiada a dois profissionais da publicidade, os srs. João Germano Gonçalves Junior e Correia da Mota e a parte artistica será executada por um distinto operador português, que nesse novo trabalho irá decerto confirmar a sua competencia profissional.

O sr. engenheiro Lisboa de Lima, comissario geral do governo na exposição, conferenciou largamente com o sr. ministro do Comercio, sobre assuntos relativos á representação do nosso país naquele importante certame.

Já foram eleitos pelos expositores de arte os artistas que constituem o juri que irá ao Brasil.

Devido ao grande numero de produtos madeirenses o vapor que transportar os produtos de Lisboa tocará na ilha da Madeira.

Empreza Internacional, Limitada

Por escritura de 18 do corrente, outorgada perante o notario abaixo assinado, foi aumentado o capital desta sociedade por quotas, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

O capital da Empreza Internacional Limitada é aumentado com a quantia de 90.000$00, em dinheiro, e fica por isso elevado a 120.000$00;

2.º

A importancia do aumento está integralmente realizada e divide-se em 5 quotas, pela forma seguinte:

Luís Gonçalves Santiago . . .	30.000$00
Manuel da Silva Santiago . .	25.000$00
Joaquim José Salgado	15.000$00
Isidoro Delgado	5.000$00
Augusto Cunze	15.000$00

3.º

O socio Luís Gonçalves Santiago fica desde já autorizado a ceder livremente da sua nova quota até á importancia maxima de 15.000$00; e os socios Manuel da Silva Santiago e Joaquim José Salgado ficam autorizados a ceder livremente as suas novas quotas até á importancia maxima de 10.000$00 cada um:

4.º

Com as alterações resultantes dos artigos precedentes, continua em pleno vigor o pacto social da referida Empreza.

Lisboa, 24 de Maio de 1922.

O notario,

Antonio Tavares de Carvalho

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos

curam-se com fermento d'uvas

Formosinho

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

NÓS E A ESPANHA

A MUSICA PORTUGUESA

E COMO A VÊ O ESCRITOR E JORNALISTA DO PAÍS VIZINHO

LLANOS E TORRIGLIA

O jornal espanhol *A B C* publicou ha dias um artigo sobre musica portuguesa que, por ser interessante, reproduzimos na integra:

A nossa Universidade vestir-se-ha de gala em breve dias, para conferir o titulo de doutor *honoris causa* ao insigne Gomes Teixeira. Com ele virão outras notabilidades universitarias.

Então será a vez dos musicos; mas os discipulos tomaram a deanteira a estes. Todos os regimentos levam a charanga adeante, e sem duvida, como arauto dos chefes da intelectualidade lusitana, vem a Madrid o orfeon do Porto, composto pela alegre e efusiva mocidade escolar da Perola do Douro. Todos os que os ouvimos naquelas inolvidaveis festas fraternais do congresso luso-espanhol, podemos dar fé de que se não arrependeram os que acorreram á sua chamada.

Desconheço os programas executados pelo Orfeon. Decerto que quererão dar-nos mostras da sua habilidade, pela interpretação de obras dos grandes compositores universais, e palavra que podem orgulhar-se dela. Mas farão mal se nos não derem tambem provas da sua musica nacional caracteristica. E' claro que não me refiro unicamente aos fados, canções que chegaram a simbolizar do lado de cá da fronteira, o canto português por excelencia, e que teem pouco mais de meio seculo de existencia, apesar de encarnar nas suas acariciadoras melodias tudo que ha de saudoso e suavemente terno na alma portuguesa—senão a toda serie de composições que fazem da arte musical portuguesa uma das mais interessantes, mais tipicas e menos estudadas manifestações do genio peninsular. Portugal, onde o elemento exclusivamente reconquistador, proveniente das terras galaico-leonesas, com o arabe invasor, creou um espirito lirico, totalmente diferente do castelhano, filho de outras influencias mais variadas, e que mais tarde sofreu por sua vez o contagio das cadencias orientais, escutadas durante a epoca dos descobrimentos, constitue certamente na musica uma personalidade inconfundivel.

A sua analise não é empresa para nós, profanos. Mas faça-se ouvir essa musica, e os criticos fixarão os seus traços, relacionados por instantes com a nossa, em certos perfis de parentesco gentilico; mas outras vezes muito pessoal, muito distinta daquela em que o coração espanhol expressa as suas dores, alegrias e entusiasmos.

Uma «jota», um «zartoico», uma «malagueña», discordaria tanto na musica portuguesa, como um lieda alemão numa «rapsodia anduluza».

E' certo que nós outros tambem temos os nossos cantos de melancolia; aí está entre outras, a «petenera», que me não deixa mentir; mas a nossa é uma melancolia, misturada com protestos, claramente distinta da que inspira os cantos portugueses, saturada de «morriña» como os galegos, e ao mesmo tempo cheios duma inextinguivel e confusa esperança, propria dum povo que sabe do «Encoberto» e que levou seculos a convencer-se de que D. Sebastião morreu em Alcacer Kibir.

Sempre e sempre, entre as negruras do Mar Tenebróso, a fé portuguesa sonha com os reinos de Prestes João.

Advirto que, sem o pensar, tenho estado notando apenas um aspecto da musica lusitana.

E' que ali, como em toda a parte, é essa do canto popular a face mais diferencial e caracteristica da musica nacional.

Desde os vilancicos do seculo XIII e a canção do «Figueiral figueiredo», até aos cantares minhotos, as «fofas» e o «Zé P'reira» que se cantam em nossos dias, passando pelas «modinhas» do seculo XVIII e as ladainhas tradicionais que ainda se cantam nas romarias — quantas melodias positivamente autoctonas não tem dado o povo português! quantas das suas lôas, as funebres «endeixas», as «maias» e as «janeiras» não constituem ecos inconfundiveis do seu sentimento nacional!

Mas não se creia que Portugal contribue só com isto para a historia da musica. Os musicologos lusitanos sinalam como o mais antigo documento dos seus cantos religiosos o hino a Santa Lucia, escrito em neumas primitivos, descoberto não ha muito e que se supõe composto no seculo X. E de então em diante, em todos os tempos de explendor da Igreja—que motetes, missas e vesperas, não contêm a riquissima biblioteca do rei musico D. João IV, rico tesouro da Biblioteca da Ajuda, guardiã do famoso cancioneiro!

Nação tão lirica como a lusitana, devia ter como coroamento reis amadores e protectores da musica.

Por isso não houve só D. João IV. D. Afonso III era trovador, D. Pedro I gostava de dançar folias com as multidões, que iam dar-lhe as boas vindas; D. Duarte tinha uma capela famosa em toda a Europa. Na côrte de D. Manuel comia-se ao toque de caramelas, sacabuchos, harpas e atabalas, e nos tempos modernos, é sabido que no teatro de S. Carlos, o Coliseu Real, foi até ha pouco tempo o templo de consagração dos mais celebres cantores.

E' verdade que através os tempos, o culto da musica enlaçava-se com promessas e votos, que acompanhavam, por seu rigor e fé, com as vocações religiosas, e disso é prova a «Promessa da Irmandade da gloriosa Virgem e Santa Cecilia, ordenada pelos professores da Arte de Musica», e uma de cujas renovações de 1749, doada ha pouco á Biblioteca Nacional de Lisboa, deu logar a um douto estudo de Julio Dantas nos interessantissimos «Anais das Bibliotecas e Arquivos».

A visita da estudantina portuense, áparte outros aspectos, será, pois, oeasião para que a critica musical madrilena, tão ilustrada e conscienciosa, comente, examine e, espero, elogie a arta lirica lusitana.

Mas, sobretudo os simpaticos escolares conseguiram vencer o indiferentismo do ambiente que só sacode o marasmo deante do reclamo das emprezas' e conseguem comover a alma do nosso povo, fazendo-a vibrar ao gemer das guitarras e violas, recitando-nos as paginas mais sentimentais do seu *folk-lore* e deixando nela o eco perduravel dos seus cantos, terão feito pela fraternidade peninsular, tão util a ambas as nações, muito mais que as frias clausulas de um protocolo ou os aridos discursos dos tratadistas. E felizes desses rapazes se, além dos louros e flôres, levam de Madrid os enamorados suspiros de algumas das nossas belas concidadãs. Porque, como diz uma das suas *cantigas*

Não há flôres como o suspiro,
Nenhuma estimo mais;
Todas as flôres se vendem
Só o suspiro se dá.

F. de Llanos e Torriglia

CAMBIOS E BOLSA

SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO

Compra e venda ás melhores taxas

EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marqueza de Chaves, condessa de Almoster (D. Maria), D. Palmira Cardoso de Castilho, D. Fernanda de Lancastre (Louzã).

E os srs.:

Joaquim Henriques de Lancastre (Alcaçovas), general Antonio Francisco da Costa, Henrique Anjos, Bernardo de Magalhães e Menezes Vilar.

Casamentos

Foi pedida em casamento pelo sr. Abel Sampaio, para o sr. José Antonio Gonçalves Junior, a senhora D. Maria Eduarda dos Santos, gentil filha da senhora D. Cassia da Conceição Santos e do sr. Alfredo dos Santos, já falecido.

O casamento realizar-se-ha no proximo mês de julho.

—Pela senhora D. Beatriz Dias Afialo, foi pedida em casamento para seu filho o sr. Augusto Kruss Afialo, a senhora D. Ilda Guedes Dias, interessante filha da senhora D. Ana Dias e do sr. Ricardo Dias, já falecido.

Solenizando o acto foi servido na elegante residencia da mãe da noiva um fino «chá».

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» amanhã no Coliseu dos Recreios, inauguração dos espectaculos cinematograficos, com a estreia da magnifica pelicula «Atlandia», e no Cinema Condes «soirée» da moda na qual se exibirão as ultimas novidades da fotografia animada, e no S. Luiz, festa artistica do maestro Luis Gomes.

Recita elegante

Damos em seguida a nota da assistencia á elegante recita que ante-ontem se realizou no teatro de S. Luís em festa de homenagem organizada pela empreza Armando de Vasconcelos aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques.

Marquezas de Avila e Bolama e de Sagres, condessas de Castro e Sola e filha, da Foz, de Taboeira e de Farrabo, viscondessas de Maiorca, de Tranjagal e de Montargil; baroneza de Areia Larga, madame Macedo Evares, D. Jesuina Pereira dos Santos e filha, D. Maria do Loreto de Borja Trindade e filha, D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Maria Domingos da Camara de Noronha (Parati), D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Eponina Mackee, D. Isabel de Melo de Barros, D. Henriqueta de Oliveira Moreira de Almeida, D. Maria do Sande Aires de Campos (Ameal), D. Joana de São Mamede Teixeira, D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, D. Ana Ahrens de Novais e filhas, D. Ana Moreira de Carvalho, D. Hafia Correia Leite e filha, D. Margarida de Almeida Artagão e filha, D. Angela Pinto Leite Carvajal (Ximenes y Molina), D. Maria de Oliveira Reis, D. Emme Sommer de Saldanha Bandeira, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filhas, D. Maria de Assunção de Melo Mendes da Silva. D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos e filhas, D. Laura Pereira Caldas Garcia Reis, D, Maria Isabel Perestrelo de Orey Correio de Sampaio (Castelo Novo), D. Mary Andressen de Bregaro, D, Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Luiza Malheiros Seixas e filha, D. Camila de Paiva Raposo e filhas.

D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Maria Luiza Santos Tavares Horta Osorio, D. Maria de Macedo e Brito de Romero, D. Etelvina Falcão, D. Amelia Vallejo de Oliveira e Silva, D. Joana Alves de Carvalho Lobo da Silveira (Alvito), D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes, D. Maria Tereza Vecchi Pinto Coelho, D. Maria Rosalina Pinto Coelho Perestrelo de Matos, D. Emilia Pimentel, D. Eliza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Amalia de Brito Capelo, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria de Brissac Neves Ferreira, D. Angela de Castro e Fontes, D. Julia da Cruz Guimarães, D. Maria Luiza Pereira Caldas Caldeira, D. Maria de Janira Braz Caldeira, D. Maria Caldeira, D. Berta Guimarães de Mendia, D. Maria de Brissac Neves Ferreira Lobo de Campos, D. Julieta da Costa e Silva Neves Ferreira, D. Josefina Neves Ferreira Cancela de Abreu, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Luiza Portocarrero da Mota Cardoso e filha, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria das Dores Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filhas, D. Sofia da Rocha Machado, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Arminda Machado Talone da Costa e Silva, D. Maria Amelia Torres de Farinha, D. Gerty Abecássis, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Natalia de Muñoz y Puig, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Maria Amelia Ayres de Campos de Barros Mendes Moreira.

D. Maria Julieta Machado Sampaio e Melo (S. João de Vêz), D. Maria Teresa Braga de Menezes, D. Palmira de Navarro Viana Basto e filha, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, D. Maria Inocencia Queluz Sardinha Durão, D. Adelaide Bramão, D. Maria Luisa Bramão Reis de Morin, D. Raquel Vitorino Pereira, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Vera de Bettencourt Olavo, D. Maria José de Aboim Quental, D. Margarida de Barros Pereira de Carvalho Castro, D. Ilda dos Santos David, D. Maria Luisa de Sousa Horta e Costa Martins, D. Adela Palau de Roura, D. Raquel Abrão de Carvalho, D. Maria Henriqueta Nunes Correia Abrantes Ribeiro da Costa, D. Maria Magalhães de Barros, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Margarida Brandão, D. Ester Guimarães de Magalhães Coutinho, D. Flora de Castro Neves Costa, D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo Sassetti, D. Maria Natalia Diogo das Silva dos Reis Torgal. D. Maria Guimarães Correia Leite, D. Mariana Galvão Mexia Bramão, D. Elisa Gomes de Andrade e filha, D. Emilia Gomes Neto Affonso. D. Aida Barreiro Pinto Ferreira, D. Maria das Dores e D. Maria de Lourdes Magalhães de Barros, D. Maria da Piedade e D. Maria Casimira de Mascarenhas Calheiros Madeira, D. Carolina Serzedelo, D. Maria Margarida e D. Berta Pocariça da Costa Freire, D. Maria da Nazaré Monteiro de Almeida, D. Helena de Castro Pereira e Sola, D. Eugenia Perestrelo de Vasconcelos, D. Emilia de Brederode Smith, D. Raquel de Sousa e Vasconcelos, D. Emilia Carlota da Silva, D. Alda Neto e Pereira Serzedelo de Ferreira Ribeiro.

Assistiu tambem a gentil actriz Alda Rodrigues.

Teatro Chiado Terrasse

EMPRESA «A INTERNACIONAL»
GERENTE: A. EMAUZ

HOJE — ás 8 1/2 e 10 1/2 — HOJE

Tiro ao alvo!

Exito sem precedentes
Elenco primoroso
Enscenação brilhante

Scenarios e guarda roupa surpreendentes
Chuva de oiro---Um hidro-avião em scena

AS AZAS QUE O "BAGÉ" LEVOU

A hora de ansiedade em frente dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo

O que disse Sacadura Cabral e como ia vestido quando chegou ao navio brasileiro

(Do nosso enviado especial)

A bordo do BAGÉ, Maio — Quando o comandante Sacadura Cabral entrou no *Bagé*, com aquele ar despretencioso e fleugmatico que constitue um dos seus maiores titulos de nobreza e uma das suas mais apreciadas virtudes de piloto, fez-se um silencio impressionante, um silencio que ninguem se atrevia a quebrar, entre as pessoas que vieram recebê-lo ao portaló.

Foi tal a emoção que se apoderou de nós, foi tão eloquente e teve tanta beleza aquele minuto que passou como um sonho lindo, um sonho fantastico das *mil e umas noites*, que ainda sinto o coração palpitar de ansiedade, no meio deste silencio e desta serenidade alvinitente que a lua põe na superficie calma do Atlantico...

A telegrafia sem fios

Estamos desde sexta feira em comunicação com o cruzador *Republica*. O comandante Sacadura informou-se logo da posição do navio e da hora da chegada, que está proxima.

A telegrafia sem fios tem feito ouvir durante o dia o seu *titi-titi* metalico e ansioso, onde passam vertiginosamente os sinais do alfabeto Morse, combinando os preparativos da descida do avião — se o mar o permitir — é sempre bom dizer.

Meio dia. Estamos a 45 milhas dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo. O mar está ligeiramente ondulado e o sol põe na superficie da onda tonalidades de mica e oiro, duma transparencia de cristal.

Terra á vista

15 horas. O «Bagé» navega a doze milhas dos penedos. Todos os oficiais de bordo se conservam na ponte e vão seguindo com o binoculo a linha distante em que os rochedos devem aparecer á superficie da agua, como um enorme cetaceo que se deixa baloiçar indolentemente ao sabor da onda.

Ouve-se apenas o «ron-ron» ininterrupto das maquinas, que nos vão arrastando cada vez mais para o sul, para a terra do Brasil. A maioria dos passageiros, sobretudo francezes e alemães, continua o seu passeio no convez, ou entrega-se ao doce nirvana, nos braços das longas cadeiras de bordo, como quem não quere ligar grande importancia áquilo que se vai passar. Alguns brasileiros aproximam-se da amurada ou sobem á ponte e alongam a vista pelo mar fora, no mesmo desejo que nós, portugueses, sentimos de ver terra de Portugal. O cruzador «Republica», que aportou ontem de manhã aos rochedos, é um pedaço da terra portuguesa, onde portuguezes sentem como nós sentimos; onde palpita a mesma febre e o mesmo entusiasmo patriotico que a esta hora vai do norte ao sul de Portugal; onde os naufragos do «Lusitania», os aeronautas da gloria, aguardam o momento de poder levantar vôo com rumo ao Brasil, á terra que seus avôs descobriram primeiro do que ninguem.

Os minutos decorrem numa hrande ansiedade, que se percebe no movimento constante dos binoculos e no gesto descoroçoado dos ombros, quando alguma vaga mais alta que outra engana as esperanças dos que a todo o momento esperam ver surgir pela prôa o vulto distante da guarda avançada do Brasil.

De repente, quando os olhos começam já a sentir-se cansados da longa contemplação, ouve-se a voz do oficial de quarto:

—Terra á vista!

Todos os olhares se voltam para um ponto muito vago e quasi imperceptivel, que mal se divisa, com o auxilio do binoculo, na linha do horizonte. São os penedos de S. Pedro e S. Paulo. Um minuto de contemplação amorosa. Nós não lhes levamos a mal que eles tenham sepultado o *Lusitania*, porque o *Lusitania* se cobriu de gloria na propria sepultura.

Os penedos

Vistos assim a distancia parecem dois dentes enormes de elefante, tendo ao centro uma elevação mais larga, semelhante ao dorso de um camelo. A' medida que nos aproximamos, vão tomando novos aspectos: um dromedario estendido a todo o comprimento á superficie da agua; uma baleia de grandes dimensões, expelindo para o alto o jacto de agua salgada em forma de meia elipse e ainda um navio de duas chaminés, pairando na linha do horizonte, batido pela crista da onda enraivecida.

A ilusão dura um segundo e os rochedos vão aparecendo á nossa vista como realmente foram sempre desde o sexto dia da Biblia e não como a nossa imaginação quere que eles sejam no primeiro quartel do seculo XX.

O *Republica* navega por bombordo, a uma distancia pequena da ponta sul do rochedo grande. Podemos ver com o binoculo a coluna de fumo que vai saindo pela chaminé, como se fôsse a cauda do veu duma noiva que tivesse a extranha fantasia de a arrastar pelo mar.

A's 15 e 30 já se vêem distintamente os penedos. Fazem muito pouca diferença daquilo que eu tinha imaginado. E' preciso vê-los de perto e sentir a onda a quebrar furiosamente de encontro ás rochas até se desfazer toda em espuma branco, mais branca do que a neve; é preciso seguir o vôo duma ave que se eleva de algum rochedo inhospito do extremo norte e vai pousar dali a poucos segundos na ponca sul, onde o vento faz sentir menos a sua poderosa influencia; é preciso olhar bem de frente aquele morro insignificante que nós não avistavamos ainda a dez milhas de distancia; é preciso ver o mar aberto e quasi sempre agitado onde o *Lusitania* pousou para sempre as suas azas brancas de gloria; é preciso ver de perto como o *Republica* se vai afastando daquela penedia, onde só passaros fazem ninho e voam a grande altura, com receio de alguma surpreza; é preciso formar uma ideia clara, certa e despida de toda a fantasia, das condições de mar em que o hidro-avião desceu, para se avaliar o prodigioso esforço, o admiravel sangue-frio, o arrojo formidavel e a serenidade só propria de deuses, que não temem o perigo, nem a morte—que era para eles o menor dos perigos—que se reuniram naqueles dois portuguezes predestinados para os grandes cometimentos, que a esta hora, emquanto eu escrevo e tudo dorme, lêem as primeiras noticias da familia, as primeiras noticias de Portugal, depois daquela manhã soberba de gloria em que se lançaram serenamente, audaciosamente, na *aventura magnifica*, na conquista do azul.

O encontro com o «Republica»

O *Republica* vai passando agora para estibordo dos Rochedos. Lá se confunde com as penedias que ali recordam a vida dos apostolos S. Pedro e S. Paulo...

A ponte do *Bagé* encheu-se toda com a nossa ansiedade, com este religioso silencio que resulta da emoção que de nós se apoderou. Ninguem se atreve a falar. Ouve-se apenas a voz do oficial de quarto:

—Atenção ás maquinas

O sol queima—estamos quasi na linha do Equador — e lança no mar uma cauda prateada, que parte do navio, numa deslumbrante perspectiva luminosa, e vai até á linha estrema do horisonte.

Lá muito ao longe divisa-se um penacho de fumo, dalgum navio que se aproximou para ver o que se passava. Soube depois que era dinamarquês.

O *Republica* está já muito proximo. Desapareceu agora por detrás dos penedos para voltar a aparecer por bombordo.

A voz do comandante:

—Passa a prumo por bombordo!

Os cumprimentos dos navios

16 horas. Tocou para o *lunch*. Qual é de nós, portugueses, o que se atreve a descer? Ficamos na ponte. O *Republica* içou agora os sinais Z. B. H.:

—Seja bemvindo!

E o *Bagé* respondeu com os sinais X. O.S.:

—Agradecido!

O cruzador, por sua vez, içou o reconhecimento. O *Bagé* cumprimentou—S. H. U.:

—Aceite os meus cumprimentos!

Estamos a duzentos metros do *Republica*. Minuto de emoção! Fala-se baixinho para não quebrar o silencio. Até as proprias vozes de comando são dadas num tom pianissimo, com receio de perturbar a religiosidade daquele divino momento. A bandeira de Portugal tremula ao vento do equador, toda desfraldada e tocada pela glória das azas que ali ficavam para sempre sepultada.

O vento amainou, o mar fez-se mais brando e o ceu é mais azul. Algumas nuvens escurecem aqui e acolá a superficie limpida do firmamento. O sol é um grande disco prateado, que entorna um feixe de luz por sobre a imensidade do Atlantico.

Torna a voz do oficial de quarto:

— Leme a bombordo!

O *Republica* e o *Bagé* estão agora a pequena distancia um do outro, prôa com prôa, em linha recta. Toda a nossa alma vai para aquele fragmento da terra portuguesa, onde nos estão esperando ansiosamente, alvoroçadamente. A tripulação do *Republica* está toda na amurada da prôa. Ouvem-se já distintamente as vozes da marujada. Minuto impressionante! Alguns marinheiros treparam aos mastros e olham comovidamente o vulto branco do avião, que vem á popa do *Bagé*.

O mar continúa a rugir de encontro aos penêdos. Uma gaivota lança o seu vôo por sobre a toalha lapis *lazzulli* do Atlantico...

Os aviadores

Do *Republica* lançaram á agua uma embarcação.

—Vêm ali os aviadores!

E todos os olhares se fixam no pequeno gazolina que balouça, que dança, que anda como um passaro tanto á superficie da onda. Aumenta a nossa ansiedade.

O oficial de quarto ordena:

—Leme a meio!

Todos os passageiros do *Bagé* estão ao longo da amurada e vão seguindo com uma pontinha de emoção, que não conseguem reprimir, a esteira branca do gazolina, que se dirige para o paquete, por bombordo.

Uma voz berra de lá:

—Façam favor de andar á ré!

O homem do leme faz rapidamente a manobra e outra voz responde:

—Já está!

A' medida que o gazolina se aproxima, o coração bate mais depressa e palpita num grande desejo de ver alguem, de abraçar alguem, de beijar alguem que nos é muito querido. E' como se fosse uma pessoa de familia que não vemos ha muitos anos. Imagine-se o desejo que o amante sente de ver a sua amante; que a mãe tem de beijar o seu filho e que o irmão possue de abraçar o seu irmão e já se pode fazer uma ideia desta divina emoção que nós sentimos. Esse alguem pode até não existir, mas ha uma coisa que lhe é superior, uma coisa sagrada, que todas vemos, neste momento, acima do amor-amante, acima do amor de mãe, acima do amor de filho: é Portugal!

A farda branca de Sacadura

A's 16 e 40, o gazolina está quasi a tocar o costado do *Bagé*. Procuramos avidamente, com os olhos cheios de sol e de curiosidade, a figura insinuante de Gago Coutinho. Para vêr se trazia a bengalinha, que afinal era do comandante Sacadura. Mas o comandante Sacadura vinha sem bengala e o almirante Gago Coutinho não veiu; ficou a bordo.

—Deitem a escada de quebra-costas!—dizem do gazolina, e a escada de corda chamada *de quebra-costas* desce até tocar a linha de agua. Sobem os tripulantes da embarcação. O primeiro a saltar a bordo, lepido como uma andorinha, é o 1.º tenente Costa.

Depois vem o comandante Sacadura Cabral. Veste com um grande desprendimento de elegancia a sua farda branca: traz botas amarelas, com solas de dois dedos de altura; o peito ao leu, a cara tisnada pelo sol do Equador; os botões da farda já estão ligeiramente oxidados, de onde se prova que custa mais a atravessar o Atlantico do que a subir o Chiado, dentro duma farda novinha em folha, de botões dourados e conquistadores; não se esqueceu do cinto de salvação e dos oculos, que assomam á janela da algibeira pequena do *dolman*.

Os primeiros abraços são o do tenente Bettencourt e o do comandante Alvaro Marta. Cumprimentam-se em silencio. Não se troca uma palavra. Impressiona este silencio! O comandante Sacadura está comovido; sentimos todos uma profunda emoção ao vê-lo aparecer no convez, com o «bonet» levemente inclinado, a boquilha ao canto da boca e um sorriso nos labios. E' a alegria do piloto. O avião chegou.

Palavras do aviador

Subimos á ponte do comando. O capitão-tenente Alvaro Marta apresenta o aviador ao comandante do *Bagé*. Breves palavras de cumprimento e trava-se logo dialogo entre o aviador e o comandante:

—Hoje está leste... não ha possibilidade de se fazer alguma coisa...—diz o aviador.

—Já tinha previsto isso...—responde o comandante.

—Que instruções tem, comandante?

Encolhe os ombros. Sorri:

—Largar o avião, se fôr possivel...

O aviador fala do tempo provavel. Vê-se que tem poucas esperanças de poder arrear o aparelho aqui, nos rochedos.

—Se não pudermos arrear o aparelho, já tinhamos pensado ir amanhã para Fernando Noronha...

O comandante é da mesma opinião:

—Tambem me parece melhor.

—Em todo o caso é sempre bom esperar até ámanhã.

—Pode ser pela calada da manhã...

—A corrente está puxando para noroeste —diz o aviador.

—O cruzador não pode fundear?—pregunta o comandante.

—Isto não tem fundo...—e sorri—Deitaram as cem braças e ficou-lhe lá o prumo...

E depois de uma pausa:

—E' aquilo que ali está...—aponta os rochedos.—Já lá desembarcámos duas vezes... E' muito dificil...

A duzentos metros de distancia vê-se a onda trepar pelos penedos, formando na rocha um lambriz de musgo e algas marinhas a toda a volta, numa extensão de muitos metros.

Norberto Lopes.

REVISTA SEM RIVAL
CONSAGRADA PELO APLAUSO DO PUBLICO E DA IMPRENSA
TEATRO SALÃO FOZ
SEMPRE EM DUAS SESSÕES
Piparote
FINA CRITICA, QUE NÃO OFENDE.-GRAÇA, DESLUMBRAMENTO E APARATO
Récitas dedicadas á Faculdade de Direito

PALPITANTE INTERESSE
SEMPRE ACTUALIDADE
TEATRO APOLO
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
DA MAIS GALANTE DAS REVISTAS
BELO SEXO
Na proxima semana:
PORTO, TANTOS DE TAL

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

No teatro de S. Luís e no teatro da vida

Depois da recita do «Mon homme» pela companhia francesa, dizia-me alguem que a principal imoralidade da peça era crear um tipo inverosimil de apache, desenhado em linhas de beleza sentimental capazes de ferir as imaginações femeninas, propensas já de si proprias a divagações perigosas.

Na observação ha muito de bom-senso, incluindo que o maior perigo é ainda a dificuldade que têm as imaginações femeninas, mesmo com muita cegueira e bôa vontade de encontrar uma paixão sentimental vestida de casaca, por quanto é certo que actualmente a casaca veste, quasi sempre, o «je m'en fiche» elegante, enfadado e banal.

Mas para quem observe tranquilamente, apenas sob o ponto de vista de espectador de teatro e de espectador da vida, o tipo do apache do «Mon homme» não é tão inverosimil como parece.

As almas rudes, mesmo quando pervertidas, as almas em que ha ainda uma selvageria nativa e que passam ao lado da civilização com indiferença ou hostilidade, são talvez aquelas em que mais facilmente nasce um sentimento violento, sincero, com a grandeza espontanea que não analisa, nem calcula.

O teatro da vida apresenta-nos agora um exemplo interessante dessa grandeza de alma, num homem que desceu a um meio que não é, naturalmente, muito melhor que o dos apaches parisienses.

Esse homem, de que os jornais tanto teem falado, casou sem esperar pela transformação social que o dinheiro traz, sem crear ambições duma união pretenciosá, provavel neste tempo em que o dinheiro pode tudo. Casou desinteressadamente, repartindo a bôa fortuna com a mesma singeleza como repartiria a desgraça.

Ainda sob o ponto de vista cristão isto é animador. Ha grandezas de sentimento e almas bôas em toda a parte. Simplesmente, nem todos têm a felicidade de as encontrar no seu caminho.

Maria de Carvalho

Ler na 3.ª pagina:

A HORA DE ANSIEDADE EM FRENTE DOS PENEDOS DE S. PEDRO E S. PAULO

Cronica de Norberto Lopes

JOIAS
Em 2.ª mão, grande sortido
6, RUA DA PALMA, 12
OURIVESARIA QUE TEM UM PAVÃO

UM DONATIVO

Por intermedio do nosso «reporter» que assistiu ao jantar oferecido pelo chefe Alfredo Maria aos seus colegas de Lisboa e Porto, recebemos a quantia de 25$00 que o referido chefe deseja que se distribua pelos hospitais. Em nome dos contemplados os nossos agradecimentos

CAMBIOS

DIA 26

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	63$000	65$000
Londres, cheque	4 3|16	4 1|16
» 90 d. v.	4 5|16	—
Rio Londres	7 29|32	—
Paris	1$157	1$193
Itália	$662	$682
Bélgica	1$059	1$112
Suiça	2$454	2$530
Espanha	2$038	2$101
Berlim	$045	$050
Holanda	5$005	5$159
Nova-York	12$879	13$275
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1.200	1.300

O ASSUNTO DO DIA

AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

"Não tem razão o sr. Ramada Curto"

diz ao "Diario de Lisboa o sr. Moisés Amzalak

"Não são os comerciantes que deixam o seu ouro no estrangeiro—O comercio não se recusa a pagar"

As opiniões ontem expostas ao *Diario de Lisboa* pelo dr. Ramada Curto provocaram discussão e não lograram, como era natural, simpatias. Longe disso. A franqueza — que é uma virtude — do distintissimo advogado e ex-ministro, ofereceram logo flanco á contradita.

—Não é verdade—replica-nos o sr. Moses Amzalak, a quem pedimos opinião — não é verdade que o comercio deixe o ouro da sua exportação lá fora, no estrangeiro. Não é mesmo possivel. O comercio português atravessou uma crise, vive com dificuldades nas suas relações com os bancos. Tem os seus encargos. Tem que pagar no país; tem que fazer face ao seu proprio desenvolvimento. Nestas condições,—como deixar lá fora o ouro?

—Mas é um facto haver lá fora somas enormes portuguesas.

—Se é certo—e eu não o sei — esse ouro é dos *rentiers*, dos capitalistas. Não do comercio que trabalha, e até com dificuldade.

—Sobre pospostas de finanças?

—O comercio e todas as forças produtoras não se negam a pagar. Está manifesta a necessidade de reformar o sistema fiscal, de impôr medidas tributarias. Mas de uma maneira equitativa. Exigir demasiado, e por processos que não são já justos, já exequiveis, é uma politica contraria aos interesses, não do comercio, mas do país. E' má politica economica.

—De uma maneira geral...

—De uma maneira geral eu penso que será dificil, senão impossivel, arrancar 240 mil contos anuais ao país, numa reforma quasi absoluta do sistema fiscal. Parece-me muito. Creio mesmo que, tal qual as propostas foram apresentadas, se hade dar a evasão de muito contribuinte, escapando pelas malhas quem deve pagar, e castigando-se demasiadamente outros.

—V. Ex.ª não ignora que o Estado está arruinado.

—Estará. Mas porque não se lançaram os tributos na oportunidade devida? Só se agravou o estado geral do país, pelo agravamonto do cambio, em grande parte devido ao excesso da circulação fiduciaria...

—Acha então más as propostas do governo?

—Não, em absoluto. O sr. Portugal Durão é um homem altamente inteligente, e ha-de querer uma discussão aberta. Mas ha propostas que não me parecem defensaveis. Por exemplo: tributar os juros dos depositos nas casas bancarias. Para quê? Para desviar os depositos para a Caixa Geral, que está livre do tributo? Mas a Caixa Geral não desconta a particulares. Não me parece de boa politica economica.

—Outra proposta fragil...

—Outra. O tributo sobre a cifra global dos negocios é injustificada. Sobre o luxo, entende-se. Sobre o dinheiro posto em movimento num negocio, e que tanta vez dá prejuizo—não é, pelo menos, defensavel. Eu reconheço, porém—repito-lhe—que é preciso pagar. E nem o comercio nem as industrias, nem os lavradores se negam a pagar. Mas veja-se o processo, e não se vá reformar todo o sistema fiscal sem dar garantias ao país da exequibilidade das medidas e da sua equidade, em relação ás classes contribuintes.

—O imposto sobre o rendimento do trabalho...

—Acho-o justo, em principio.

—Porquê?

—O trabalho é um rendimento de produção, como outro qualquer.

—Mas...

—Claro que entrando no desenvolvimento da minha critica ás propostas, eu teria muito que lhe dizer. O tributo deve recair sobre todos, equitativamente, mas eu reconheço que ele deve ser tão directo quanto possivel, para não ir recair, irregularmente, só sobre uma classe, por ventura até a do povo mais desprotegido de fortuna.

O nosso entrevistado diz ainda:

—As propostas, de resto, teem boas coisas. Por exemplo: as supressões dos impostos *ad valorem* e do consumo.

E a fechar:

—Contra os tributos, não somos. Somos contra a iniquidade que os tributos sumarios representam. Contra a soma exagerada que se quere arrancar ao país...

A Festa da Flôr

Até esta tarde apuraram-se mais de 40 contos de receita

Na séde da Cruz Vermelha, no Terreiro do Paço, está desde ontem uma comissão de senhoras que tomaram parte na festa da flôr, com a colaboração de elementos daquela associação, procedendo á contagem do dinheiro recebido. Até hoje á tarde apuraram-se mais de 40 contos de receita, havendo, porém, ainda muito mais.

O "Fairey 17"

A caminho do Brasil

Segundo as noticias recebidas, radiograficamente, em Lisboa, o cruzador «Carvalho Araujo», que transporta para Fernando Noronha o «Fairey 17», segue sem novidade a sua derrota, nada havendo de importante a registar a tal respeito.

Foi telegrafado para o cruzador «Republica» a data e hora da partida do navio.

Telefone C. 3033
SOUZA, MOURA & C.ª, L.da
End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO, DEPOSITOS Á ORDEM E A PRAZO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

Os Teatros

A recita da actriz Angela Pinto

Angela Pinto, a primeira das nossas actrizes, talento verdadeiro, excelente alma, esplendido humor, realiza esta noite a sua recita no Politeama. Sobe á scena a interessante peça de Robert de Flers e Francis de Croisset «Le Retour».

Sabe o leitor que o principal papel do «Regresso» é interpretado pela notavel comediante e que essa interpretação mereceu, quando da «première», elogios incondicionais. Angela Pinto verá hoje, portanto, o teatro onde trabalha literalmente cheio dos seus admiradores e viverá a alegria de receber uma justissima consagração dos seus meritos de grande artista.

Intercambio teatral luso-brasileiro

Do jornal A Noite, *do Rio de Janeiro, chegado ontem, reproduzimos a seguinte noticia:*

O verdadeiro intercambio artistico luso-brasileiro, de que sempre se falou mais teorica do que praticamente vai agora entrando no seu melhor periodo de realidade. Deste mês por deante, até o fim do ano, cada vez mais intenso o movimento teatral, teremos, sucessivamente companhias portuguesas nesta capital, o que não bastaria para o mutuo conhecimento das possibilidades dos dois paises, em materia de arte scenica. Merece, pois, todos os melhores louvores a iniciativa de levar á capital e ás principais cidades portuguesas a companhia Abigail Maia, contratada pela empresa José Loureiro. Deixamos assim de ser importadores, sómente, de companhias, para exportá-las, tambem, o que, de resto, já era tempo de o fazermos e ainda não fizemos, apenas e sem duvida alguma, por falta de um empresario capaz do empreendimento. Acontece que o sr. José Loureiro tem comsigo os principais teatros de Lisboa e do Porto, de modo a tornar em verdade consumada essa velha pretensão tão lusitana quanto brasileira. A partida da companhia Abigail Maia deve ser em Novembro deste ano, quando teremos aqui elementos teatrais daquela nação amiga em temporada de verão.

Atrás do reposteiro

A comissão encarregada de administrar a quantia de esc. 19.028$71, produto da «matinée» de homenagem a Manuel Benjamim, reuniu ante-ontem, tendo resolvido por maioria estabelecer-lhe uma pensão de quatrocentos e cincoenta escudos mensais.

—A festa da actriz Lina Demoel realiza-se no proximo dia 2, no Salão Foz. Nessa noite, para a qual está sendo elaborado um programa atraentissimo, devem tomar parte a actriz Angela Pinto e o actor-comico Nascimento Fernandes.

—Os dois espectaculos de hoje no Foz com a revista «Piparote» são dedicados aos estudantes da Faculdade de Direito.

—O actor Carlos Deus concluiu com distinção o curso de cinematografia do professor Rino Lupo.

—Têm sido feitas varias propostas exageradas a artistas já contratados para outras empresas.

—Na festa artistica do maestro Luís Gomes, que ámanhã se realiza no S. Luís, representar-se-ha pela segunda vez a opera em um acto do maestro Luís Filgueiras «A ceia dos Cardiais»; um acto de variedades em que tomam parte a orquestra do S. Luís; a senhora D. Branca de Melo Carrilho em harpa e Beatriz Baptista, Fernando Pereira, Antonio, Garcia e Sousa Mendonça e o 1.º acto da linda opereta «A Moreninha».

— Na noite de 30 do corrente realiza-se no S. Luís a festa e despedida do actor José Maria Correia, organizada por um grupo de amigos. O espectaculo constará de um acto de variedades, em que tomarão parte varios artistas e o 1.º e o 3.º actos da encantadora opereta «A Leiteira de Entre Arroios».

— A actriz Sara Coelho já não realiza a sua festa artistica no S. Luís na noite de 1 do proximo mês de Junho, devendo talvez realizá-la no Politeama com a peça «Os Lobos», de Correia de Oliveira e Francisco Lage.

— Foram contratadas para o Sá da Bandeira, epoca de verão, as irmãs Pepa e Tereza Loriente.

— Chega depois de ámanhã a Lisboa o empresario portuense Antonio de Castro.

— O actor José David mantem o seu contracto com a empresa do teatro Maria Vitoria.

— A companhia espanhola do Eden leva á scena na proxima semana as celebres zarzuelas «La Revoltosa» e «El Pobre Valbuena».

Em Angola

EFEITOS DE UMA SINDICANCIA

O governador da Guiné mandou instaurar processo disciplinar contra o secretario do governo da mesma provincia e o seu substituto sr. Barbosa, em virtude de uma sindicancia que mandara fazer aos actos dos referidos funcionarios.

O alto comissario em Angola informa que os subditos noruegueses Brum e Neffson Alvoss não se teem utilizado da licença para a pesca da baleia nos portos daquela provincia.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

TRADIÇÕES COIMBRÃS

QUEIMA DAS FITAS

COIMBRA VAI VIVER ALGUMAS HORAS DO "in illo tempore" lendario

Coimbra vive muito da tradição. A tradição é, fóra de Coimbra, a sua melhor propaganda.

Nimbaram Coimbra de lenda, através a invocação das suas vielas medievadas de sombra e de misterio; das serenatas sentimentalizadas e fatalistas, em noites em que ha prata no luar e platina serpentinizando no Mondego dos choupos hieraticos e esguios; das «troupes» terroristas e implacaveis girando em volta de vastos protocolos de praxe, em noites sombrias, nankinizadas, onde apenas noctiluzem vagabuneantes, pequenas estrelas fulvas, em tremulinas.

E Coimbra, feita Rainha da Lenda, quando já era Rainha do Mondego, passou a ser vista através o vitral da Saudade e da Beleza.

A actual geração academica tem reavivado muito do seu velho espirito tradicionalista, aguafortezado de imprevisto e de irreverencia.

O ano passado foi o assalto ao Instituto de Coimbra; por uma madrugada zebrada de fios de chuva, com acinzentamentos de nevoeiro e maceramentos de luz, no alvorecer.

E foi então um rebate cheio de vibrancias, com nervosismo no repique dos sinos da Universidade.

Os foguetes subiram em espirais de fogo e havia qualquer coisa de ciclopico e de vertigico, no som zabumbante das arias dos gaiteiros.

E duma janela da Associação Academica, alguem gritou a independencia dos caloiros e bichos, por essa noite de vitoria.

Este ano já, ha meia duzia de dias, o terceiro ano juridico esteve em foco. Ressuscitou-se uma velha praxe —o jantar do curso—e foi uma noite de alegria e de barulho, com o «champagne» a formigar nos cerebros e um cortejo, do Hotel Avenida para a Alta, um cortejo hibrido, devastador, com morteiros a irritar o burguês e toda a uma iluminação neo-veneziana, num «pêle-mêle» de velas e balões.

E para depois de ámanhã, dia 27, com toda a imponencia e grandes surpresas ainda desconhecidas, a celebre «Queima das fitas», porventura o maior dia da vida academica.

E o grande cortejo dos quartanistas, em carros floridos, arcoirizados de côres, numa «kermesse», de flôres e de fitas, irá por aí abaixo, deixando o futrica «bouche béaute», e as meninas por essas janelas, cabelos modernizados num penteado rodopiante e estilizado, estabelecerão com os rapazes o «dolce farniente» da telegrafia sem fios dos olhares.

Depois, no Largo da Feira, em cima dum estrado amplo, haverá uma urna grande e afusada, numa reminiscencia de anfora etrusca. Os carros rodearão a plataforma, num meio silencio de solenidade.

Em volta, nas janelas dos predios que dão para o Largo, haverá gracilidades femininas, numa garrulice de sedas ruge-rugindo, emquanto em baixo, a multidão se comprime numa lufa-lufa hibrida. E vem depois o momento magestoso. Na urna, vasta e afusada, levanta-se um clarão estuante de luz, e uma lingua de chama, torcicolando mefistofélica, reduzirá a uma cinza palida e clorática a policromia das fitas.

O sol dealbante de luz, numa apoteóse, para reverberos ofuscantes nas fachadas extaticas dos predios e, de novo em marcha, um caloiro num exotismo de indumentaria, ao lado do cocheiro, o cortejo seguirá triunfante, a «épater» toda a cidade.

Durante todo o dia, foguetes e morteiros atroarão Coimbra, e inumeras gaitas de foles e rufos de tambor hão de zabumbar, num barulho doido, enervante.

E á noite, ao som das latadas, raspando pelas ruas da cidade, num tropos-galhopos ensurdecedor, os novos quintanistas irão iniciar a sua grande noite de vagabundagem e alegria.

E quando a Noite fôr mais alta e mais sombria, haverá de quando em quando morfinizações de vida estroina, vagabunda da liberdade.

* * *

E a Coimbra vetusta, universitaria, que o tradicionalismo nimbou de lenda, a Coimbra das serenatas e do Mondego e dos choupos hieraticos e esguios, viverá umas horas do *in illo tempore* lendario.

Eurico Serra.

O problema das aguas

Começam as conferencias...

O sr. Carlos Pereira, director da Companhia das Aguas de Lisboa, conferenciou hoje com o sr. ministro do Comercio, sobre a questão da falta de agua na capital.

AS PRISÕES ANUNCIADAS

O 19 de Outubro

VOLTA A DAR QUE FALAR!

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA

o coronel sr. Manuel Maria Coelho e o capitão sr. Sarmento Rodrigues

«Se da nossa prisão depende a liberdade dos detidos em S. Julião da Barra, prendam-nos imediatamente»

São duas horas. Há calor. Quem passa ao nosso lado direito, quasi em frente da Caixa Geral de Depositos, de chapeu de coco, fato castanho, correcto, a sua pera branca frizada amorosamente? O sr. Manuel Maria Coelho, o comandante do 19 de Outubro, o presidente do ministerio da reuolução. E' conhecimento antigo. A entrevista faz-se simplesmente. Conversa um pouco descosida ao principio. O sr. Manuel Maria Coelho, porém, compreende que as suas declarações são importantes, agora que os jornais anunciam a sua prisão. Falamos-lhe sobre ela:

—E' um boato?

Serenidade. Voz serena.

—Não; não sei.

—Mas já foi incomodado...

Parámos ambos:

—Incomodado! O quê?

—Continúa fazendo a mesma vida de todos os dias?

—Não vê... Estou falando comsigo.

Insistindo:

—Mas é um boato?

—Pode ser hoje, ámanhã ou depois um boato Mas pode ser que tambem o não seja. Espero!

—Impaciente. E concorda?

—Não tenho nada que concordar. O processo foipara o comandante da divisão. Se estou acusado que faça o seu dever.

—E nesse caso?

—E' justa a prisão.

A conversa anima-se. O sr. Manuel Maria Coelho contrai a cara vivamente. Afirma agora o que foi a sua acção no 19 de Outubro. A sua voz é mais alta. A' nossa roda já ha um circulo de curiosos.

—Fiz a revolução para salvar a honra da Republica, assim como se têm feito outras para salvar a Constituição. Pezavam-me, como bom republicano, os escandalos dos Transportes Maritimos, das Subsistencias, dos Correios e Telegrafos... Tantos outros ainda!

—Entende que tinha o direito de fazer essa revolução?

—Entendo!

—Houve victimas...

—Houve!... Não tenho responsabilidades e se as tenho devem prender Alvaro de Castro, Sá Cardoso, Norton de Matos, Leote do Rego e tantos outros que andaram pelas alfurjas para fazer o 14 de maio.

—E matou-se...

—Matou-se, sim! Em Lisboa registaram-se 30 crimes. Não mais. Mas na provincia? Ninguem lamenta mais os crimes de outubro do que eu... Era amigo das vitimas...

—Foi no sangue delas que a revolução morreu...

—Exacto.

Alguem passa. Conhece o chefe do 19 de Outubro. Diz-lhe:

—Então? Já foi preso?

—Não, mas não tarda.

E para nós:

—Todos se levantaram contra mim, quando foi dos assassinios... Era preciso arredarem-me... Alguns politicos temiam os seus crimes! Espectros do passado!... Não fosse eu puni-los!

O Calhariz está concorrido. O capitão Sarmento Rodrigues, á paisana, calculando ser preso, traz a sua cruz de guerra e outras fitas de condecorações. Exaltado, afirma logo:

—E' uma infamia, sr. comandante. Li ontem nos «placards» a noticia. Vou ter com o chefe da Guarda para saber quem mandou a noticia para os jornais.

Reparando em nós e aludindo a uma entrevista com Procopio de Freitas publicada no *Diario de Lisboa:*

—Foi a unica verdadeira. O sr. falou verdade. Repito: antes viver entre pretos do que viver aqui!

As vozes são altas e nós ouvimos Manuel Maria Coelho:

—E que graça a deles dizerem agora que têm presos os implicados no 19 de Outubro!...

—Pois não é assim?

—Não! Logo no dia 20 os oficiais da Guarda prenderam dez passageiros da *camionette* tragica.

—V. ex.ª não teve responsabilidades.

—Nenhumas! As vitimas são sempre os resultados indirectos das revoluções... Direi da minha justiça...

—Tem o seu *dossier?*

A frase passou em claro.

—Tomáramos nós — diz Sarmento Rodrigues — que eles nos julgassem imediatamente. Se da nossa prisão depende a liberdade dos que estão detidos em S. Julião da Barra, prendam-nos. Aceitamos!

—O processo corre, dizemos-lhe:

—Mas sabe-se que estão inocentes. Já o disse o ministro da Guerra.

Passa a acção governativa do sr. Manuel Maria Coelho. E' o 19 de Outubro que ressuscita, pela boca do chefe do movimento.

—Só fiz justiça... Uma vez entregaram-me um requerimento duma casa bancaria. «Que o levem ao ministro das Finanças». Este quando o leu: «é uma roubalheira!» «Olhe que vem recomendado pelo presidente do governo». «Não acredito», respondeu! Confirmei a sua resposta. Era um desfalque tremendo aos dinheiros do Estado. Trezentos contos.

E comenta:

—Se eles não estivessem já acostumados a roubar a finança publica, não se atreveriam a redigir um requerimento daqueles!

Sobre a sua prisão:

—Incomoda-me um pouco; massam-me alguma coisa as noticias dos jornais. Estou sereno. Se fôr preso, terei que dizer...

E os srs. Manuel Maria Coelho e capitão Sarmento Rodrigues ficaram no Calhariz, por uma hora de sol, rodeados de curiosos e de amigos, em frente dum policia, e mais longe, dum soldado da guarda republicana, que atalaiava á sombra, a Caixa Geral de Depositos.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

A homenagem á senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

Um convite da comissão organizadora

A comissão organizadora da festa em honra da senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, professora da Faculdade de Letras de Coimbra, convidou o sr. ministro da Instrução para assistir á sessão solene de hoje e pedir-lhe em nome da Academia, que concedesse feriado geral em todas as escolas universitarias.

O sr. dr. Augusto Nobre, não podendo ausentar-se de Lisboa por motivo dos trabalhos parlamentares, faz-se representar naquela festa pelo reitor da Universidade, sr. dr. Antonio Luiz Gomes, a quem tambem autorizou a conceder o feriado pedido pelos estudantes.

UM TENOR ABSOLUTO

ROMÃO GONÇALVES

CONVERSA DURANTE UM QUARTO DE HORA

com um dos nossos redactores

Romão Gonçalves, tenor absoluto, proprietario do Club *A Fita*, do licor *Romanini* e duma voz potente que assombra o mundo, chegou do estrangeiro e conversou na *Brasileira*, com um redactor do *Diario de Lisboa*.

O aspecto de Romão não mudou coisa que se veja: o mesmo colete branco, o mesmo casaco de alpaca, os celebres brilhantes nos dentes... Só o penteado é que é outro e tão destrambelhado, que parece ò mar nos Rochedos de S. Paulo.

—Então o que o trouxe de novo a Lisboa?

—Motivo triste, doença de familia.

—E demora muito?

—Não me *raspo* já esta noite, porque não posso. Senão... Já estou farto disto até aos cabelos.

—Mas porquê esse odio a Lisboa?

—Isto é um meio onde só as cavalgaduras triunfam. Os artistas, depois duma vida de trabalhos e de miserias, acabam todos a pedir esmola.

—E lá fóra?

—E' outra loiça Tem-se consideração pelos verdadeiros artistas. Eu, por exemplo... Em Espanha e em França, as mais altas «eminencias» artisticas descobrem-se respeitosamente ante mim, pedem-me conselhos, lições.

—E tem cantado muito lá fóra?

—Em Espanha e em França imenso. Exibo a *fita* da chegada dos reis da Belgica onde eu apareço a cantar dentro de agua. E a par disso vou cantando. Nem imagina: — já ganhei mais este ano do que os nossos melhores artistas em toda a sua vida.

E comenta:

—Isto aqui, a unica coisa que *deixa* é ser batoteiro...

O proprietario da *Fita* fala com conhecimento de causa...

A conversa deriva para recordações de amigos queridos, de companheiros de esturdia:

—O Montilla, o pianista... Só queria ter o saber dele. Aquilo conhece musica *ás toneladas*...

—E' verdade: Muito repertorio novo?

—Bastante. Tudo quanto aparece. Alguns minutos bastam. Sento-me ao piano, dali a pouco estou a tocar e a cantar a nova obra.

Faz-se tarde para Romão. Levanta-se e sai, a bambolear o corpo de atleta.

Debaixo do braço a *gabardine* escura:

—Comprei-a em Paris! Custou-me 150 francos!—esclarece ele fazendo mais uma vez rebrilhar os brilhantes dos dentes.

Mal sabia ele...

NOS ESTORIS COMEÇOU-SE A SENTIR A FALTA DE AGUA

Pede-se á Camara Municipal de Cascais que dê as suas providencias

Nos Estoris ha já três dias que vem sentindo-se a falta de agua, o que muito prejudica, como se compreende, aquelas estações balneares, que, já nesta epoca, estão sendo muito frequentadas.

A Camara Municipal de Cascais, a quem está entregue o abastecimento de agua nos Estoris, não tem feito absolutamente nada no sentido de remover esse inconveniente, que, a continuar, desviará dali muitas familias. As providencias teem de ser dadas urgentemente. Se já em maio a agua falta, o que acontecerá quando vier o verão? Faltará por completo, por culpa da camara, não devendo depois lamentar-se qualquer incendio ou o afastamento em massa da população que ali vai passar a estação calmosa. Urge, pois, que os vereadores da camara de Cascais tratem do assunto, com a importancia e com o carinho que ele requere.

Malas postais

Pelo «Deseado» são ámanhã expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires sendo ás 11 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 9.

Armazens Azevedo

226, RUA DOS FANQUEIROS, 232

Lojas e 1.º andar

Todos os dias está recebendo mais tecidos de novidade para a

Estação de verão

O maior sortimento do país em lindos tecidos para FATOS E SOBRETUDOS E PARA VESTIDOS.

As melhores novidades em tecidos da

ULTIMA MODA

Preços que batem o «RECORD DA BARATEZA!» em concorrencia com todas as casas.

SECÇÃO DE ALFAIATARIA para homens e senhoras, sob a direcção de um habil mestre de córte.

CORREIAS

De couro, balata e pêlo de camelo

ACABA DE CHEGAR UMA

ENORME REMESSA

de correias de todos os generos, da importante fabrica

«Etablissements Léon Lobet»

de Verviers, Belgica

C. ACHON, LIMITADA

Deposito—RUA DE S. PAULO, 134, 136

Escritorio—RUA DOS SAPATEIROS, 39, 1.º

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

TOLDOS

Para estabelecimentos, janelas, terraços, embarcações, jardins e praias

EXECUÇÃO, REPARAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ENCERADOS

Para vagons, camions, barcos, maquinas e carroças

VENDA E ALUGUER

Aparelhos em navios e ascensores. Costuras em cabos de linho, pita e arame.

Balões para defença, boias salva-vidas, coletes de salvação, etc.

Redes para Tenis e Foot-Ball, Lonas, Brins, Colões. Bandeiras, Cabos e mais aprestes para embarcações.

A ACTIVA

RUA 24 DE JULHO, 8, 8-A, 8-B

FUNDADA EM 1884

Telefone-C. 3474 e 1601 **Telegramas ACTIVA**

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino, Ltd.ª. Tel. N. 3285. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA

CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: **Bronquite, doenças do coração,** flebitos, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.º DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

INSTITUTO COMERCIAL

PEREIRA DE SOUSA

FUNDADO EM 1899

RUA NOVA DO ALMADA, 53

CLASSES ESPECIAIS DE HABILITAÇÃO RAPIDA PARA GUARDA-LIVROS E CLASSES GERAIS DIURNAS E NOCTURNAS. Por terem concluido os cursos alguns alunos, ha ainda algumas vagas por preencher. Pedir programas e condições.

Não confundir este antigo e acreditado Instituto com outras escolas com o mesmo titulo ou apelido.

Galeria Parisiense

——DE——

M.ME OTERO

Seimpre Chapeus Modelos

42—Rua Garrett—42

(Frente á Rua Ivens)

Telefone Central n.º 1381

LISBOA

PAPELARIA VIUVA MARQUES

ARTIGOS PARA ESCRITORIO

Sortimento completo de livros para escrituração comercial. Preços modicos.

36, Rua do Ouro—Telefone: 267

DENTADURAS

CONCERTAM-SE EM 4 HORAS

Rua da Palma, 40-1.º

Bernardino Nunes

O «DIARIO DE LISBOA» Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

HORARIO DOS COMBOIOS DA LINHA DE CASCAIS, DESDE 1 DE JUNHO DE 1922

Estações e apead.		101	1	103	3	201	105	107	109	5	111	203	7	9	113	115
						(a)		(a)				(b)				
		H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cais do Sodré	P.	0 45	7 20	9 00	10 30	12 50	13 00	14 00	16 00	17 25	18 15	18 50	19 00	19 40	21 10	23 10
Santos (ap.)	»	—	7 23	9 03	10 33	—	13 03	14 03	16 02	17 28	—	—	19 03	19 43	—	—
Alcantara Mar.	»	—	7 27	—	10 37	—	—	—	16 06	17 32	—	—	19 07	—	—	—
Junqueira (ap.)	»	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Belem	»	—	7 33	—	10 43	—	—	14 11	—	17 38	—	—	19 13	19 52	—	—
Bom Suces. (ap.)	»	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pedrouços	»	—	7 37	—	—	—	—	—	—	17 42	—	—	19 17	19 56	—	—
Algés	»	0 58	7 40	9 16	10 50	—	13 16	14 17	16 16	17 45	—	—	19 20	19 59	21 23	23 23
Dafundo (ap.)	»	—	7 42	9 17	10 52	—	—	—	16 18	17 47	—	—	19 22	20 01	—	—
Cruz Quebrada	»	1 02	7 45	9 20	10 55	—	13 20	14 22	16 21	17 50	18 31	—	19 25	20 04	21 27	23 27
Paço d'Arcos	»	1 05	7 50	9 25	11 00	—	13 25	14 27	16 26	17 55	18 36	—	19 30	20 09	21 31	23 31
Caxias	»	1 11	7 55	9 30	11 05	—	13 30	14 32	16 31	18 00	18 41	—	19 35	20 14	21 36	23 36
Santo Amaro (ap.)	»	1 15	8 00	9 35	11 10	—	13 35	14 37	16 36	18 05	18 46	—	19 40	20 19	21 40	23 40
Oeiras	»	1 17	8 03	9 38	11 13	—	13 38	14 40	16 39	18 08	18 49	—	19 43	20 22	21 42	23 42
Carcavelos	»	1 21	8 07	9 42	11 17	—	13 42	14 44	16 43	18 12	18 53	—	19 47	20 26	21 46	23 46
Parede	»	1 24	8 11	9 46	11 21	—	13 45	14 48	16 47	18 16	18 57	—	19 51	20 30	21 49	23 49
Cae Agua (ap.)	»	1 28	8 14	9 49	11 24	—	13 49	14 51	16 50	18 19	19 00	—	19 54	20 33	21 53	23 53
S. J. Estoril (ap.)	»	1 31	8 18	9 53	11 28	13 23	13 53	14 55	16 54	18 23	19 04	19 23	19 58	20 37	21 56	23 56
Estoril	»	1 33	8 21	9 56	11 31	13 26	13 56	14 58	16 57	18 26	19 07	19 26	20 01	20 40	21 58	23 58
Mont. Estor. (ap.)	»	1 36	8 24	9 59	11 34	13 29	13 59	15 01	17 00	18 29	19 10	19 29	20 04	20 43	22 01	0 01
Cascais	»	1 38	8 26	10 01	11 36	13 31	14 01	15 03	17 02	18 31	19 12	19 31	20 06	20 45	22 03	0 03

Diario de Lisboa

Estações e apead.		102	2	4	6	202	104	106	108	110	8	112	114	116	118
													(a)		
		H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cascais	P.	0 15	5 55	7 30	8 25	9 04	9 50	11 15	12 40	14 30	16 00	18 00	19 00	19 44	22 30
Monte Estoril (ap.)	»	0 17	5 58	7 33	8 28	9 07	9 53	11 18	12 43	14 33	16 03	18 03	19 03	19 47	22 32
Estoril	»	0 20	6 01	7 36	8 31	9 10	9 56	11 21	12 46	14 36	16 06	18 06	19 06	19 50	22 35
S. J. do Estoril (ap.)	»	0 23	6 05	7 40	8 35	9 14	10 00	11 25	12 50	14 40	16 10	18 10	19 10	19 54	22 38
Cae Agua (ap.)	»	0 26	6 08	7 43	8 38	—	10 03	11 28	12 53	14 43	16 13	18 13	19 13	19 57	22 41
Parede	»	0 30	6 12	7 47	8 42	—	10 07	11 32	12 57	14 47	16 17	18 17	19 17	20 01	22 45
Carcavelos	»	0 33	6 16	7 51	8 46	9 19	10 11	11 36	13 01	14 51	16 21	18 21	19 21	20 05	22 48
Oeiras	»	0 37	6 20	7 55	8 50	—	10 15	11 40	13 05	14 55	16 25	18 25	19 25	20 09	22 52
Santo Amaro (ap.)	»	0 39	6 22	7 57	8 52	—	10 17	11 42	13 07	14 57	16 27	18 27	19 27	20 11	22 54
Paço d'Arcos	»	0 43	6 27	8 02	8 57	—	10 22	11 47	13 12	15 02	16 32	18 32	19 32	20 16	22 58
Caxias	»	0 47	6 31	8 06	9 01	—	10 26	11 51	13 16	15 06	16 36	18 36	19 36	20 20	23 02
Cruz Quebrada	»	0 51	6 36	8 11	9 06	—	10 31	11 56	13 21	15 11	16 41	18 41	19 41	20 25	23 06
Dafundo (ap.)	»	0 53	6 40	8 14	9 09	—	10 33	—	13 23	—	16 44	18 43	—	20 27	23 08
Algés	»	0 55	6 42	8 17	9 12	—	10 36	12 00	13 26	15 14	16 47	18 46	19 45	20 30	23 10
Pedrouços	»	—	6 44	8 19	9 14	—	10 37	—	—	—	16 49	—	—	—	—
Bom Sucesso (ap.)	»	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Belem	»	—	6 49	8 24	9 19	—	—	—	—	—	16 54	—	—	—	—
Junqueira (ap.)	»	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Alcantara Mar.	»	—	6 54	8 29	9 24	—	—	—	—	—	16 59	—	—	—	—
Santos (ap.)	»	—	6 59	8 34	9 29	—	—	—	—	—	17 04	—	19 57	—	—
Cais do Sodré	C.	1 08	7 01	8 36	9 31	9 45	10 49	12 12	13 39	15 27	17 06	18 59	19 59	20 43	23 23

Todos estes comboios fazem serviço de bagagem e recovagem.

O numero de passageiros nestes comboios é limitado.

(a) **Só se efectuam aos domingos e dias feriados.**

(b) **Não se efectuam aos domingos e dias feriados.**

Comboios em que são válidos os bilhetes de 3.ª classe, mensais e semanais, da tarifa especial n.º 2 de grande velocidade, para operarios e trabalhadores:—Comboios 1, 5, 7, 9, 2, 4, 110 e 113.

O "DIARIO DE LISBOA" encontra-se á venda na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

AINDA GENOVA

LLOYD GEORGE

e o seu discurso nos "Comuns"

E' preciso fazer-se um acordo com a Russia

para se atalhar a miseria que ali alastra

LONDRES, 26

Na Camara dos Comuns, o sr. Lloyd George, fazendo uso da palavra, declarou que o tratado de Rapallo veiu esclarecer as necessidades da situação. A Russia encerra riquezas naturais e a Alemanha possui recursos tecnicos e habilidade scientifica. Os delegados britanicos julgam necessario, seja qual fôr o juizo que se faça do governo dos «soviets», concluir um acordo com a Russia, a fim de socorrer a miseria que alastra no pais.

Os dirigentes da Russia devem compreender que a confiscação das propriedades e o repudio das dividas não constituem o melhor meio de alcançar dos paises ocidentais os adiantamentos em dinheiro. Por ultimo o primeiro ministro lembrou que a assinatura de treguas por 34 nações com a cooperação dos neutros pode ampliar este importante resultado de consequencias incalculaveis.—(H.)

O QUE SE PASSA LÁ FÓRA

A politica inglesa

antes, durante e depois da Conferencia de Genova

Morgan e o emprestimo americano á Alemanha

A moção de confiança a Lloyd George, aprovada por 235 votos contra 26, deve ter causado a mais profunda decepção aos seus inimigos. A maioria esmagadora que apoiou o seu governo dá-lhe uma posição tão favoravel que nem os maiores optimistas se atreveriam a espera-la.

A moção de confiança á volta de Génova, teve cerca de metade de votos contra, a menos do que a votada antes da partida.

Isto quere dizer, sem contestação possivel que a acção da delegação britanica em Génova foi compreendida e aprovada, não só por aqueles que estavam com o governo á partida, mas mesmo por aqueles que o pessimismo ou a oposição levou a votar contra.

Quando Lloyd George partiu para Génova, anunciando um programa que não poude realizar, esperava trazer á volta a solução dos mais dificeis problemas que estão deprimindo a vida economica britanica. Os seus planos tendiam a abrir á industria inglesa novos mercados, sobretudo na Russia, que inaugurassem um periodo de prosperidade e dessem trabalho aos milhões de desempregados ingleses.

Esta esperança que era quasi certeza, porque o ministro britanico ia disposto a romper com todas as considerações para o alcançar, ficou em nada. Lloyd George voltou com as mãos vasias. Os seus inimigos riram do fracasso da Conferencia que ele convocára e dos intuitos que levara, e anunciaram logo que o parlamento britanico provaria o seu descontentamento por uma possivel queda ministerial, e pelo facto da ausencia dos proprios partidarios á sua chegada a Londres.

Nem uma coisa nem outra se verificou. Dos politicos eminentes só faltaram dois, á chegada, porque estavam doentes; a multidão ovacionou-o. O parlamento aprovou a moção de confiança por 235 votos contra 26!

Como se explica isto depois da decepção de Genova? Porque a verdade é que resultados positivos, a Inglaterra não tirou nenhuns.

Pelo telegrama que dá noticia da votação, não se depreende que o debate houvesse sido violento. Se Lloyd George tivesse tido acusações graves contra algumas nações que estiveram em Genova, o telegrama não deixaria de o dizer.

Mas o que não faria a sua palavra, fê-lo naturalmente o Livro Branco distribuido antes pelos deputados. A Conferencia de Genova foi bastante transparente, e a leitura dos documentos trocados entre as nações que estiveram em Genova deve ter sido mais eloquente perante o bom senso britanico, do que todos os discursos do primeiro ministro.

* * *

Ha um ano que a velha Europa, destruida, aniquilada, em via de desaparecer, nas regiões orientais e centrais por uma ruina quasi total, no ocidente pela desorganização economica e financeira e pelo desaparecimento acentuado diariamente da industria britanica, começou a esboçar um movimento de resurgimento.

As varias forças que se iam agregando tomaram, em Genova, posições definidas. Para um lado os repelidos, os vencidos, a Russia e a Alemanha, do outro a França, e num certo sentido a America, que é o maior inimigo dos «soviets», e o unico que lhes pode fazer uma oposição seria porque sem ela, a da França, já teria sido liquidada em Genova.

Entre as duas, sem se ter ainda decidido completamente está a Inglaterra. Por qual se decidirá ela, pela Russia ou pela America? A questão hoje deixou de ser, França ou Russia, é America ou Russia.

O emprestimo americano á Alemanha, que Pierpont Morgan veiu estudar á Europa, não virá talvez a realizar-se, segundo declarações dos que melhor conhecem o grande banqueiro, por causa da aliança germano-russa.

A America não reconhece os «soviets»; os jornais americanos dizem que tanta consideração lhe merecem os comunistas pela moralidade como pela inteligencia.

São, pois, duas correntes irredutiveis, e é de crêr que o emprestimo se não faça. De resto, se considerarmos que a Inglaterra tomará posição ousada contra a França na questão das reparações dá-nos certo alivio momentaneo á Alemanha, esta preferirá sem duvida ao emprestimo a aliança russa, que lhe permitirá um resurgimento mais lento no principio, mas mais seguro e mais independente...

UMA CATASTROFE

NO "EGYPT"

praticaram-se grandes actos de heroismo

A bordo seguia um milhão de libras

A abnegação do telegrafista e da irmã Rhoda

LONDRES, 26

Durante o naufragio do «Egypt» houve actos extraordinarios de heroismo e de abnegação. O encarregado da telegrafia sem fios Artur Hardwick depois de ter enviado o sinal S. O. S. permaneceu no seu posto, tendo sido sepultado nas aguas com o navio. A irmã Rhoda recusou-se a tomar lugar numa canôa de salvação para a não sobrecarregar, ajoelhando-se na ponte do navio fazendo preces e tendo desaparecido tambem com ele. O «Egypt» levava a bordo um milhão de libras esterlinas. Os oficiais e marinheiros do «Egypt» cujos cadaveres foram recolhidos, enterraram-se em Brest, tendo assistido á cerimonia os consules da Inglaterra e dos Estados Unidos.—(U. P.)

A volta ao mundo pelo ar

LONDRES, 26

O major Blake, tenente-coronel Brooms e capitão Macnamara partiram ontem de aerodromo de Croydon para uma viagem de 90 dias á volta do mundo tendo chegado a Paris sem novidade.—(R.)

A festa do Imperio

LONDRES, 26

A subscrição realizada no dia da festa do Imperio a favor dos hospitais de Londres rendeu 50.000 libras.—(R.)

A Companhia Espanhola no EDEN

O espectaculo que hoje dá, no Eden, a companhia Barreto Ballester, é constituido por duas zarzuelas, das de maior exito, do genero chico. Uma é o imortal *Duo de la Africana*, na qual a graciosidade do entrecho se reune uma partitura verdadeiramente admiravel.

Essa peça está assim distribuida:

«La Antonelli», Nadal; «Aminas», Gallego; «Dara Serafina», Urdazpal; «Querubim», Ballester; «Guissepim», Lopez; «El Bajo», Soler; «Perez», Serrano: «Un inspector», Robles.

A outra zarzuela *El Niño Judio*, peça genuinamente espanhola, que ante-ontem foi representada por esta companhia, agradou imenso.

As recitas do companhia Barreto Ballester continúam sendo concorridissimas, constituindo a grande atracção da actualidade e levando, ao Eden, as principais familias da capital.

NACIONAL Telef. N. 3049

BRILHANTE ESPECTACULO

(Première B)— Segunda representação do original, em duas jornadas, de D. Branca Gonta Colaço

AUTO DOS FAROLEIROS

Trechos musicais de Herminio do Nascimento

Guarda-roupa de Castelo Branco

Segunda representação do original, em um acto, de Carlos Selvagem

CAVALGADA DAS NUVENS

Enscenação de Augusto de Melo

Desempenho de todos os artistas deste teatro

Scenarios de Campos & Oliveira

Sexta-feira, 26—Première C—Rendez-vous da Sociedade Elegante

EM ARMAZEM

Serras de fita ou sem fim e de rolos.
Serras circulares.
Charriots.
Plainas combinadas, simples e de 4 faces.
Maquinas universais para carpintaria.
Maquinas de furar e rasgar madeira.
Maquinas de moldar.
Garlopas. Maquinas para afiar laminas de garlopa.
Fitas de serra e laminas circulares.

John M. Sumner & C.º

SUCESSOR

JOSÉ J. TEIXEIRA

29—Avenida da Liberdade—37

LISBOA

POLITEAMA

Empresa Luis Pereira

Telef. N. 3023 — A's 21,30

COMPANHIA

Amelia Rey Colaço — Robles Monteiro

A representação da peça de ROBERT DE FLERS e FRANCIS DE CROISSET em festa de

ANGELA PINTO

O REGRESSO

COLISEU DOS RECREIOS

ÁMANHÃ — 27 — ÁMANHÃ

Estreia

DO EMOCIONANTE E INTERESSANTISSIMO «FILM»

ATLANTIDA

O MAIOR SUCESSO CINEMATOGRAFICO MUNDIAL

"Charlot ao sol"

A estreia de hoje no Condes

Estreia-se hoje no Condes a nova edição da hilariante comedia americana *Charlot ao sol*, em 3 partes, uma das mais engraçadas criações do impagavel comico, tanto do agrado do nosso publico. Em pleno sucesso o grandioso drama da vida real, *A Verdade*, em 5 partes, notavel desempenho da grande actriz Madge Kemedy e o esplendido «film» *Festas na India Francesa*, que é curiosissimo e cheio do mais bizarro imprevisto.

Grande Café de Italia

DÉJEUNERS

A PRIX FIXE ET A' LA CARTE

Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas

Rua 1.º de Dezembro

LANIFICIOS.

PEDIR SEMPRE AMOSTRAS AOS GRANDES ARMAZENS DA BEIRA 20-22-Rua dos Retrosceiros, 24-26

PERES & ABRANTES, SUC.

"DIARIO DE LISBOA" Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

NO TEATRO NACIONAL

"A Cavalgada das Nuvens"

de Carlos Selvagem

"Auto dos Faroleiros"

de Branca Colaço

O espectaculo de ontem, no Nacional, evocou o passado que nós imaginamos não tal qual foi, mas sim segundo as exigencias da nossa exasperada sensibilidade.

Carlos Selvagem deu-nos a visão dum *interior* de fidalgo pobre, cujos filhos, Afonso e Ruy Vaz, partiram para Alcacer-Kibir.

Leitor dos *Luziadas* e ele proprio um luziado mal recompensado, Gonçalo Vaz acredita na *estrela* de D. Sebastião e na grandeza dos seus planos de conquista. Pelo menos, assim o afirma a sua filha D. Violante de Sá que lhe pede carinhosamente que não se exalte, como lhe recomendara mestre Garcia Falco, fisico, que velava pela sua precaria saude. Nada o contém na sua febre de conhecer as noticias da Africa, sobretudo desde que ouvira na rua um bando de calafates, espalhando boatos agoirentos. Sua mulher, sua filha e o fisico concertam-se para o pouparem á terrivel verdade.

Quando chega seu filho Ruy Vaz, destroçado, estropiado, mutilado, roto e febril, convencem-no a que, para salvar a vida de seu pai, fale de Alcacer-Kibir como sendo uma vitoria e não uma derrota. Ele acede. A sua narrativa, dolorida e cortada de terriveis relampagos, recebe-a o velho á maneira de extrema-unção, pois morre serenamente, imaginando realizado o seu sonho heroico.

Brazão, Joaquim Costa, Ilda Stichini, Laura Hirsch e Antonio Nascimento houveram-se, segundo as responsabilidades do seu nome.

Clemente Pinto a todos sobrelevou, pelo impeto da sua declamação em que a arte de gesto e da atitude se aliam maravilhosamente á sua palavra sonora, variada de tons e inflexões.

O «Auto dos Faroleiros» é uma peça sem tempo nem espaço, definidos, visto que a sua autora, poetisa de emoções intimas, sabe bem onde tem o coração, mas desconhece o espaço e o tempo em que vivem e agem os homens da nossa epoca. Todo ele é um lindo sopro lirico, entrecortado de notas e fulgurações heroicas que nos arrastam, na sugestão dum deslumbramento que nunca se sabe onde se limita.

Abre por um formoso prologo que, levantado o pano, Ilda Stichini diz, em frente dum portal gotico, onde, numa rosacea, se vê a Cruz de Cristo e o escudo das armas de Portugal. O publico, enlevado, aplaude. As duas jornadas do «Auto» dividem-se em seis quadros, enscenados com um gosto que prende e cativa.

Num farol, habitam um avô e um neto—o primeiro cheio de anos e de experiencia; o segundo um poeta que se banha na luz das suas quimeras. Logo que aquele se prepara para deitar-se, este pergunta-lhe o que é feito de seu pai que ele sabe viver em terras remotas, talvez sulcando o mar, entre tormentas.

O interpelado escusa-se, prometendo a resposta para mais tarde. Apenas só, o jovem saca dos seus autores predilectos—Camões, Homero, Tasso e outros. A inspiração desvaira-o. Acha que o mundo é maior que o seu farol. A luz ilumina-o, em pleno rosto.

A sua musa divaga.

Tanto se afasta da realidade que se perde, no país dos sonhos.

Todas as ilusões veem ao seu caminho—a Esperança, a Saudade, a Inspiração, o Amor, a Sombra, a Banalidade. O seu avô transformou-se na imagens do Passado e ele proprio transfigura-se no Presente.

A mesma preocupação, porém, o tortura—onde está meu pai? Não o encontra, no jardim dos Amores nem no Sacrario das coisas cujo uso se perdeu. Dizem-lhe que mora numa nau que os vendaveis açoitam. Ele, o Passado e a Saudade vão procurá-lo. Está a dormir: acordam-no. Como se chama o autor dos seus dias? O Presente.

Por mais que tentem persuadi-lo a acompanhá-los, recusa terminantemente. A liberdade e a revolta são o seu elemento. Não aceita sujeições nem laços de familia.

Nesta figura, representou a autora do «Auto dos Faroleiros» o Portugal de agora—esquecido do Passado e descrente do Futuro. Esses, vendo-se repelidos, vão-se embora, lastimando a ingratidão do mau filho, mau pai e mau irmão.

No ultimo quadro, surge de novo o farol. O neto do faroleiro, desperto do seu sonho, e clama em altos gritos que lhe valham na solidão e no abandono que padece. O avô desperta e a Esperança corre a animá-lo. Compreende que tudo o que se passara fôra ilusão, mas ilusão mais verdadeira que toda a verdade que já conhecia.

Contado nas suas linhas gerais, com enormes deficiencias, eis o que é o *Auto dos faroleiros*.

Das suas muitas belezas nada podemos dizer senão que revelam uma das feições mais perfeitas do engenho de Branca de Gonta Colaço, que o publico aplaudiu com carinho, entusiasmo e devoção.

A musica, de Herminio do Nascimento, é enternecedora.

O desempenho honrou a obra da ilustre poetisa, sobresaindo José Ricardo, Ilda Stichini, Augusta Cordeiro, Acacia Reis, Emilia Fernandes, Palmira Torres, Clemente Pinto, Antonio Melo, Mario Sampaio e Artur Duarte.

Glaucias

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos
GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

O 19 DE OUTUBRO

Prisões importantes

Deram esta tarde entrada no forte da Trafaria os srs. Manuel Maria Coelho e Serrão Machado

Ainda hoje devem ser detidos mais oficiais

Esta manhã os jornais avolumaram os boatos de prisões politicas por motivo dos crimes do 19 de Outubro, boatos que vinham da vespera.

Ao começo da tarde foi preso o capitão tenente sr. Serrão Machado, que foi secretario do ministro da Marinha no gabinete do sr. Manuel Maria Coelho, o revolucionario de 19 de Outubro.

Foi o capitão de fragata sr. Abreu de Oliveira quem efectuou a prisão e o acompanhou ao Forte da Trafaria por ordem emanada da 1.ª divisão do exercito para o ministerio da Marinha.

Ao fim da tarde o comissario de policia, alferes sr. Lopes Soares recebeu guia do ministerio da Guerra para se apresentar no comando da 1.ª divisão do exercito, onde lhe foi dada ordem de prisão.

Este oficial foi acompanhado pelos seus colegas tenentes srs. Pio e Boavida e alferes sr. José Carlos, tendo a sua saida do governo civil provocado uma manifestação de simpatia por parte do pessoal da policia de segurança e investigação.

A's 18 horas confirmam-nos que por ordem do ministerio da Guerra foram passadas [illegible] requisições de captura pelo comando da [illegible] são a diversos oficiais que tomaram parte activa ou tiveram interferencia no movimento de 19 de outubro. Sabemos de fonte que nos merece todo o credito que os referidos oficiais são os srs. coronel Manuel Maria Coelho, major Arez, tenente Rosa Mateus, capitão Sarmento Rodrigues, tenentes Malta e Nobre da Veiga e tenente-coronel Marreiros.

Sabemos tambem que pelo ministerio da Guerra foi enviada á Camara dos Deputados, uma nota que possivelmente determinará a captura do capitão Virgilio Costa.

Todos estes oficiais são acusados de coligação militar com excepção do major Arez que é acusado de não ter comandado com a necessaria energia as forças que estacionavam no Terreiro do Paço.

* * *

A's 18 horas informam-nos que já deram entrada no forte da Trafaria os srs. Manuel Maria Coelho e Serrão Machado.

* * *

A's 18 e 30 dizem-nos que foi detido o tenente-coronel do exercito sr. Joaquim Antonio Marreiros, que exerceu o logar de director da Policia de [illegible]

NO PORTO

Reunião de inquilinos

Com bastante concorrencia reuniram-se ultimamente no Porto alguns dos individuos que habitam predios, sem estarem munidos dos respectivos contractos de arrendamento, pelo facto dos senhorios se negarem a fazê-los e ainda outros a entregá-los, para assim poderem tentar acções ordinarias de reivindicação de bens. Resolveu-se mandar ao sr. ministro da Justiça o telegrama seguinte:

Ministro da Justiça—Lisboa — Felicitando v. ex.ª projecto inquilinato esperado ansiosamente, pede-se sejam salvaguardados interesses inquilinos que se encontram sem arrendamento, presumindo-se que quem habita predio fá-lo a titulo arrendamento conforme projecto do dr. Abranches Ferrão. — Comissão inquilinos.

A viagem aérea Lisbôa-Madrid

Chegaram esta tarde os aviadores srs. tenentes Paiva Simões, Pais Ramos e Rodrigues Alves, e alferes Montenegro, tripulantes dos aeroplanos *Hercules 2* e *Nemo 10* que se viram obrigados a descer na volta, durante o percurso.

CARTAZ

S. Carlos — Não ha espectaculo.
Nacional — A's 21—«Auto dos Faroleiros» e «Cavalgada das Nuvens».
S. Luis — A's 21 — Festa das Florinhas da Rua.
Politeama — A's 21,30—«As Azas quebradas».
Avenida — Ás 21 — «Perola Negra».
Apolo — Ás 21 — «Belo Sexo».
Chiado Terrasse — A's 20,30 e 22,30—«Tiro ao Alvo».
Eden-Teatro — A's 21—Companhia espanhola de zarzuela.
Salão Foz — A's 20,30 e 22,30—«Piparote».
Coliseu dos Recreios — Festa pró-famintos.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos — Ás 20,30 — Companhia de variedades

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Um centro politico outubrista

Uma carta do sr. Antonio de Magalhães

Do sr. Antonio J. de Magalhães recebemos a seguinte carta:

Sr. director e meu amigo.—Espero de v. a fineza da publicação desta pequena rectificação á minha carta publicada no *Diario de Lisboa* de 23, tanto mais que a parte a rectificar não é da minha responsabilidade, mas sim dessa redacção.

Epigrafou v. essa carta com a seguinte frase:—«Aguas passadas...»—Aguas passadas... não! *Aguas retidas*... assim é que está certo. Eretidas apenas pelo tempo suficiente para proceder á limpesa duma *azenha*, *cuja imundice estava turvando as aguas e prejudicando o seu movimento*.

E pode v. ficar absolutamente convencido que, logo que essa limpesa termine, *as aguas* seguirão o seu curso, mas então, cristalinas e puras, como é nosso desejo, para que o funcionamento da referida *azenha* passe então a ser normal.

Mais abaixo, continuando, lê-se a seguinte frase:

«Seria o sr. dr. Julio Martins um inspirador do 19 de outubro?»

Não lhe atribui essa qualidade, porque seria uma falsidade e eu nunca fui falso; embora tivesse já passado por um sitio onde os falsos abundam; o que esse saudoso vulto da Republica fez, foi o seguinte—logo após o triunfo do movimento, quando alguns dos seus organizadores e colaboradores batiam já em vergonhosa retirada e, quem sabe até, se já sob a influencia da *vil traição* que dias depois lhes dominava por completo a alma, veio dar-lhe o seu incondicional e desinteressado apoio, pois que na sua alma republicana,—exactamente como nas nossas (os que não fugimos) apenas existia uma aspiração: *o engrandecimento da Patria e da Republica pela moralização!!!*

Agradece a publicação e continua sempre á sua disposição o constante leitor e amigo.—*Antonio J. de Magalhães*.

Uma recita

A favor das vitimas da catastrofe da Murtosa

Amanhã, 27, realiza-se no teatro de S. Carlos a segunda recita dos empregados do Banco Ultramarino a favor das vitimas da catastrofe da Murtosa.

O espectaculo consta da «reprise» da engraçadissima revista «Era uma vez...», original dos empregados do mesmo Banco srs. Alvaro Leal e Jaime Ferreira, musica do inspirado maestro Alves Coelho, que tem numeros novos.

Os poucos bilhetes que restam podem ser pedidos ao sr. Alfredo de Assunção, no balcão do expediente do mesmo banco.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

TARDE PARLAMENTAR

A lei dos funcionarios do registo civil e a atitude que tomou a minoria catolica

Continuam na ordem do dia os orçamentos dos ministerios das Colonias e da Instrução, o segundo dos quais talvez ainda hoje não entre em debate, nem mesmo na sessão nocturna, que está marcada.

* * *

A chamada faz-se ás 15,5, sob a presidencia do sr. Nunes Loureiro. Respondem 38 deputados. Nas galerias apenas dois espectadores.

* * *

Continua a discutir-se o projecto que beneficia os funcionarios do registo civil.

O snr. Moura Pinto discursa largamente sustentando a doutrina de que o Estado abdicaria dos seus legitimos direitos se transigisse com os desejos da minoria catolica.

Em seguida o projecto é aprovado até ao artigo 3.º.

* * *

Ordem do dia: orçamento do ministerio das Colonias. Discursos breves, pontos de vista rapidamente expostos. A's 17,10 falta aprovar apenas o ultimo artigo. A seguir vai discutir-se o orçamento do ministerio da Instrucção.

* * *

Foi aprovado todo o orçamento das Colonias.

UMA NOTICIA DE SENSAÇÃO
[illegible] za aos leitores: [illegible] a Flor de S. Roque [illegible] na rua do Mundo, [illegible]

ARAUJO & BASTOS, L.DA
132, RUA DA PALMA, 132

Participam que os seus estabelecimentos estão reabertos, continuando nas suas salas do rez-do-chão a exposição de arte da Ex.ma Senhora D. Alice Rey Colaço. Teem tambem a honra de convidar os seus estimados clientes e amigos a visitarem a sua secção de
ANTIGUIDADES E OBJECTOS DE ARTE
que agora inauguram, visita que muito agradecem.

PRISÃO DE VENTRE
Só se cura com as
Aguas de Santa Marta (Ericeira)
Deposito geral: R. Afonso d'Albuquerque, 4 (Cruzes da Sé) — LISBOA
Deposito no Porto: Rua do Almada, 59, 1.º